



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Dandara Pinheiro Honorato

Formação: Bacharel em Serviço Social

Email: dandlife@msn.com

Telefone: (21) 972894781 / (22) 26673269

Título do trabalho:

Boné, bermudão e top: lesbianidade, expressão de gênero e o mercado informal

Natureza do trabalho:

Reflexão teórica

EIXO VII: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, geração e sexualidades

Temas: Gênero; Sexualidades



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



BONÉ, BERMUDÃO E TOP: LESBIANIDADE, EXPRESSÃO DE GÊNERO E O MERCADO INFORMAL

RESUMO

O presente artigo aborda a informalidade sob a perspectiva de lésbicas que performam o gênero masculino, conhecidas como butchs. Tem por objetivo estudar como as butchs se reconhecem no processo de trabalho e a relação que estabelecem com a performance de gênero desvelando essas categorias como espaços de luta cotidiana diante da necessidade de subsistência por meio do trabalho informal.

Palavras-chave: expressão de gênero – mercado informal – marginalização.

ABSTRACT

This article discusses informality from the perspective of lesbians who perform male gender, known as butchs. It aims to study how butchs recognize the work process and the relationship they establish with the gender performance unveiling these categories as daily struggle spaces on the need of living through informal work.

Keywords: gender expression - informal market - marginalization



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Introdução

Em um dia de sol no Rio de Janeiro, procura-se uma barraca que venda algo bem refrescante. Uma figura simpática, de um timbre de voz firme, mas aberto, vestida com boné, bermudão, camiseta e cueca (um pouco à mostra) lhe entrega a bebida. Pensando se tratar de um rapaz desconfia-se de seu gênero pelo contorno formado por dois volumes em seu tórax sustentados por um top¹. Logo conclui-se que uma mulher está ali performando o gênero masculino. Muito bem! Você encontrou uma butch²!

De origem francesa, que significa pessoa do sexo feminino que tem traços e comportamentos masculinos, a difusão da palavra “butch” se deu graças a publicação do romance de Radclyffe Hall, *The Well of Loneliness* (1928), produção pioneira na discussão sobre lesbianidade. Este romance estabeleceu um vínculo entre as relações heteroafetivas e homoafetivas visto que, mesmo num convívio entre pessoas do mesmo sexo, havia uma relação de patriarcado devido aos papéis exercidos pela femme (a lésbica feminina) e a butch (a lésbica masculina) (CEIA, 2012).

As razões que marginalizam as butchs do mercado de trabalho formal são oriundas de uma sociedade marcada pela misoginia, pelo machismo e por toda forma de dominação desencadeada pela divisão da sociedade em classes. Fugir ao paradigma estabelecido para a mulher simboliza uma ameaça iminente à hegemonia do homem. Para restabelecer a dominação e reafirmar os papéis, ficam banidas do processo de trabalho as mulheres que ousarem performar um gênero não condizente com o seu sexo biológico. Logo, as coerções sofridas nos ambientes corporativos promovem um aumento do contingente de butchs em funções autônomas ou informais, gerando inúmeros problemas que se traduzem na vulnerabilidade social.

¹ Top: é uma peça íntima semelhante ao sutiã, porém mais confortável por ser mais larga.

² Identificadas nos grupos sociais, principalmente no Rio de Janeiro, como mulheres masculinas, bofes, bofinhas ou bofinhos.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Atualmente o setor informal abarca toda a força de trabalho excedente na sociedade capitalista produzido por todas as formas de opressão já mencionadas e outras como a questão penitenciária, a defasagem escolar, o racismo, a ditadura da estética, etc. Conseqüentemente, a necessidade de subsistência, a resignação diante das constantes tentativas de inserção no mercado formal e a falta de qualificação profissional acabam por empurrar uma parcela da classe trabalhadora, banida do processo produtivo, para este setor no qual a inserção aparentemente fácil remete à instabilidade e a precarização das condições de vida do trabalhador e da trabalhadora informais.

Objetivos

A formação acadêmica, o exercício da militância no movimento LGBT, e o contato com outros movimentos sociais me despertaram para a temática da lesbianidade. A invisibilidade ainda é muito imponente quando se trata de homossexualidade feminina, ainda mais no que tange às expressões de gênero nas relações homoafetivas entre mulheres. Logo, se dentre as poucas publicações que existem sobre o universo das mulheres homossexuais os assuntos mais abordados tendem a problematizar a sexualidade este artigo pretende se ater à influência da expressão de gênero na inserção das trabalhadoras no mercado de trabalho com foco específico sobre a relação entre informalidade, expressão de gênero e orientação sexual observando como as butchs trabalhadoras se reconhecem nas engrenagens que envolvem o mundo do trabalho.

Metodologia

A metodologia adotada para a elaboração deste artigo iniciou-se com a análise de conteúdo de livros e artigos científicos digitais sobre a origem do gênero, a definição do que vem a ser trabalho informal e expressões de gênero.

No âmbito empírico a metodologia usada baseou-se em entrevistas abertas em diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro sendo eles Belford Roxo, Duque de Caxias e a capital, no período de 04 de julho a 31 de julho de 2012. A escolha do instrumental se deu em função da dinamicidade, ou seja, num ambiente de constante agitação, que é o comércio de rua, a aplicação de questionários seria inviável. As respostas foram registradas por escrito. Ao todo foram entrevistadas 5 mulheres que exerciam atividades na rua em barracas próximas às estações de trem e metrô.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Resultados da pesquisa e discussão

A reconstrução do gênero, feita num corpo feminino pelas butchs, é uma nova forma de viver a sexualidade e os papéis sociais antes definidos em congruência com o sexo biológico. O que definiu “o que é de homem” e “o que é de mulher” foram os meandros dos discursos produzidos em torno do sexo biológico e não algo inato determinado por um ser superior que maneja a vida com suas marionetes (Butler, 1999, p.5).

Segundo Stearns (2007) o advento das relações de gênero se inscreve na origem das atividades econômicas. A caça e a coleta permitiam uma certa igualdade entre os gêneros que, separadamente, contribuía com bens econômicos importantes para a comunidade. A importância que a propriedade agrícola assumiu no seio familiar refletiu na regulação da sexualidade da mulher porque havia a necessidade de repassar as propriedades aos descendentes legítimos. Inaugurava-se um novo período na história, o patriarcado. Por conseguinte, virgindade, casamento, fidelidade fixam-se como conceitos oriundos de uma exigência moral para ancorar o pilar econômico, a terra.

Deste modo, nas famílias mais abastadas, onde o trabalho produtivo feminino poderia ser facilmente dispensado a mulher passou a exercer um papel ornamental necessitando demonstrar beleza, modéstia e submissão. Quanto aos homens, era obrigatório ser dominante, preparado para as atividades militares e outras lideranças. O filho mais velho era privilegiado pela hierarquia, na ausência do patriarca era sua função assumir a autoridade que lhe foi outorgada. Todavia, o autor destaca que em algumas sociedades era permitida a variação na construção do gênero e que não há homogeneidade nas construções sociais sendo importante conceber o gênero como algo mutável nas diferentes civilizações (Stearns, 2007, p.34).

O mercado informal

A informalidade não é apenas mais uma forma de expressão da venda da força de trabalho na sociedade capitalista. Ela simboliza o excedente, a desigualdade de um modo de produção que exclui, marginaliza e aliena para estabelecer sua hegemonia. Segundo Tavares (2002, p.51), a atividade informal já foi vista como um atraso quando se pensava que a liberdade da economia tomaria proporções de modo a equilibrar o mercado e integrar a organização produtiva. No entanto, a frustração deste intento acabou por recorrer ao setor



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



informal como complementação da proteção social para atender à força de trabalho excedente e minimizar as consequências da escassez da oferta de emprego. Logo, a informalidade apresenta-se não como um novo setor agregado ao modo de produção capitalista, mas a sua complementação.

Com o advento da acumulação flexível³, a regulação do trabalho tende a obsolescência e os conceitos de trabalho formal e informal se fragilizam de modo a se confundirem neste processo. Porém, de modo geral, o trabalho que não se configura através do assalariamento direto e mascara-se na compra e venda de mercadorias é definido como informal (TAVARES, 2002, p. 52).

A informalidade também distancia a perspectiva de uma sociedade para além da exploração capitalista ou para além do capital porque o trabalhador informal, muitas vezes se enxerga como ser independente no processo de trabalho, não vislumbra as contradições inerente à sua atividade e não se organiza enquanto categoria.

A flexibilidade do trabalho além de, a curtíssimo prazo, se refletir nocivamente na vida profissional e social, também fomenta a ordem ideológica dominante, distanciando cada vez mais o horizonte revolucionário. Neste sentido, os defensores do capital assumem a tarefa de esconder as contradições do sistema e de realçar a superfície, como se esta fosse a essência. (TAVARES, 2002, p.55)

Neste processo de articulação do capital através de estratégias que mascaram a alienação e espoliação do trabalho dito informal, se escondem fragilidades que apenas reproduzem a marginalização, a desarticulação dos trabalhadores, a precarização das relações entre as pessoas e a relação consigo seja pela negligência com a saúde ou com sua vida social. O que seria uma fuga da barbárie econômica que estreita o sistema de empregabilidade e redimensiona as políticas sociais deixando desprovida uma gama de trabalhadores e suas famílias, se torna um ciclo de pauperização da vida, não somente das condições fisiológicas de sobrevivência, mas também das condições sociais e políticas. Na informalidade, o trabalhador se afasta de si e dos outros sendo mera força de trabalho ativa fugindo do exército [permanente] de reserva⁴.

3 Sucintamente, entende-se como acumulação flexível a modalidade econômica cunhada pelo capital para acumular através da flexibilidade de alguns elementos, tais como: a relação com o trabalho, a ampliação de alguns setores em detrimento de outros, o fornecimento de serviços (ALVES, 2011, p.411-412).

4 O conceito original “exército industrial de reserva” foi desenvolvido por Karl Marx em sua obra “O Capital” para designar os trabalhadores sem ocupação que nos momentos de crise do capital eram contratados irregularmente e por baixos salários (Engels, 1868).



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Lesbianidade e expressão de gênero no mercado informal

Considerando o quantitativo de lésbicas trabalhadoras existentes no Rio de Janeiro, esta pesquisa é uma amostra ínfima de como essas mulheres se vêem no mercado de trabalho enquanto homossexuais e performadoras de um gênero que confronta o esperado pela sociedade cissexista no que tange aos papéis de homem e mulher.

Assumir um estereótipo masculinizado, além das questões de possível afirmação frente à comunidade onde se vive, pode estar relacionado à necessidade de defesa neste ambiente tão hostil que é a rua. Estar na rua, trabalhando por um longo período, em atividades não regularizadas, desprovidas de mecanismos de proteção aos trabalhadores, cerceada pela repressão das políticas públicas higienistas exige que se tenha uma postura dominante, que haja demarcação de espaços e reafirmações destes. A postura masculina pode ser uma defesa a respeito dos riscos que se tem numa sociedade machista, misógina e lesbofóbica. A masculinização demarca um ponto a ser conquistado no mundo dominado pelo binômio homem-masculino (Soares e Sardenberg, 2014, p. 2625).

Nas estações de trem e metrô, lá estão mulheres que acumulam em si estigmas variados fomentadores das diversas formas de discriminação e exclusão do processo produtivo formal: além de serem mulheres, homossexuais, performadoras do gênero masculino, possuem mais de 34 anos de idade e apresentam defasagem escolar. Elas esbarram na seletividade do mercado formal que em seus critérios de contratação apresentam tanto exigências objetivas para exercício dos cargos (qualificação profissional, experiência) exigências subjetivas (aparência, local de moradia, idade, etc...), sendo estes critérios determinantes na obtenção de emprego formal.

São por essas razões que o setor informal aparece na história de vida das entrevistadas como alternativa ao desemprego e como empreendimento em detrimento da saga em busca de trabalho formal. A liberdade proporcionada torna o setor mais atrativo. Alegações como “não tenho patrão”, “não tenho estresse”, “não tenho horário”, “tenho mais ganhos” são as principais justificativas que mantêm essas mulheres no mercado informal. A vontade de se dedicar ao esporte, retornar ao antigo emprego, ou simplesmente ter um trabalho regularizado foram relatadas pelas entrevistadas. Embora não tenham se mostrado insatisfeitas com o trabalho, está implícito que o trabalho formal é um desejo em comum, talvez por expressar a regulação do trabalho, a estabilidade, a fixação de horários e controle dos ganhos. Porque, apesar da aparente liberdade que o setor informal proporciona, a polícia, que não se



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



reconhece enquanto classe, produz e reproduz opressões o que se manifesta na perseguição às trabalhadoras e na apreensão de suas mercadorias.

Embora apresente algumas vantagens, a informalidade oferece alguns riscos muitas vezes não vislumbrados pelos próprios trabalhadores, incluindo entre eles a falta de licença para trabalhar no ambiente público. No caso das entrevistadas, algumas estavam em espaços cedidos pela prefeitura, porém sem nenhuma proteção legal.

Quando perguntadas se possuíam cadastro no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, se conheciam os seus direitos enquanto trabalhadoras, falas como “não tive tempo para ver isso”, “nunca pensei nisso”, “não conheço os direitos trabalhistas” desvelam a falta de orientação sobre a importância de se conhecer e pensar os direitos trabalhistas e na regulação do trabalho, mesmo quando se trata de atividades informais. Apenas uma entre as entrevistadas passou pela experiência do trabalho formal e não prosseguiu na contribuição ao INSS alegando que se prepara para a aposentadoria guardando o dinheiro consigo, o que demonstra que a contribuição ao INSS também aparece restrita apenas ao âmbito da aposentadoria sem que outras questões sejam vislumbradas como o seguro contra acidentes de trabalho. Este último a ser considerado é um fator de extrema importância quando se trata de remuneração diretamente vinculada à venda de mercadorias. Doenças e acidentes podem vulnerabilizar socialmente a trabalhadora informal que, sem a existência de um mediador (empresa, ponto de frequência, RH...), possui unicamente sua força de trabalho como fonte direta de subsistência.

Outro risco a ser mencionado, relaciona-se à ilegalidade na venda de mercadorias, principalmente quando envolvem direitos autorais. Entre vendedoras de doces e feirantes, foram encontradas trabalhadoras que se expõem desde à apreensão do que está sendo vendido até às sanções penais referentes à infração. Este mundo de riscos engendra outras formas de se utilizar a masculinidade a seu favor, evocando características predominantemente atribuídas aos homens como força, agilidade, prontidão para a “guerra” (STEARNS, 2007, p.34).

A discriminação apareceu nas entrevistas como algo pontual e isolado. Entre as entrevistadas, houve quem declarasse que o estereótipo masculinizado não interfere nos processos seletivos para vagas de emprego, mas logo se contradiziam ao mencionar exemplos de discriminação focalizados em uma experiência pessoal ou na experiência de alguém próximo.

Destarte, o que se tem de coeso no discurso sobre o racismo não ocorre com a lesbofobia. Uma mulher negra, por exemplo, pode ser capaz de dizer que o racismo atinge a



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



todos e pode ocorrer em vários lugares, o que não ocorre com as butchs que não se reconhecem neste processo de disputa dos espaços da sociedade.

A defasagem entre percepção do preconceito e as manifestações veladas de preconceito talvez se explique pelo fato de que as pessoas, em geral e equivocadamente, só julgam uma atitude homofóbica se ela vier acompanhada de violência verbal ou física (LEONEL, 2011, p.92).

A justificativa usada pela autora para elucidar a falta de percepção da discriminação sexual também pode ser aplicada às questões de gênero. As entrevistadas mencionaram não reconhecer nenhuma disputa entre o masculino e o feminino no espaço em que trabalham. Talvez por se perceberem iguais no gênero - o gênero masculino: homem heterossexual e mulher masculinizada – mesmo sendo biologicamente mulheres, não lhes são imputadas as características atribuídas ao que é feminino – "Florzinhas são queridas pelo quererem para serem do lar, para servirem à reprodução, para tornarem-se maternas, belas, puras, calmas e doces..." (CARDOSO, 2012, p.45) – o que promove uma certa cumplicidade entre os parceiros de trabalho.

Quanto à manifestações de preconceito, apenas duas entrevistas declararam que já sofreram discriminação sexual no exercício de suas funções ou em outros momentos de suas vidas. A sexualidade foi insultada nas desavenças entre clientes, colegas de trabalho ou transeuntes, o que demonstra que expressão de gênero acaba por reforçar a discriminação contra a orientação sexual, o que se confirma quando se observa que o primeiro insulto que vem à mente do agressor - "Sapatão!" – é referente à sexualidade.

O fato de algumas mulheres não perceberem a discriminação não quer dizer que ela não ocorra. Formas implícitas de violação dos mais variados direitos se manifestam tanto na esfera privada quanto na esfera pública. Desde a família até o desenvolvimento de políticas públicas, as lésbicas tem sido invisibilizadas e renegadas ao ostracismo pela sociedade patriarcal que polícia o comportamento da mulher de modo que a mesma atenda aos padrões esperados.

Segundo Leonel (2011), uma sociedade marcada pelo patriarcado, na qual as mulheres possuem menos autonomia que os homens, menos poder econômico e não podem decidir sobre o próprio corpo nas discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos é de se esperar que mulheres homossexuais sofram de forma mais incisiva os efeitos do machismo: "O masculino nas lésbicas é encarado como "roubo" e "usurpação" de um valor que pertenceria única e exclusivamente aos homens" (p.93).

Há uma tendência a se justificar que a falta de políticas públicas para os diversos



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



segmentos da sociedade deve-se ao encolhimento social de um Estado sucateado pelo projeto neoliberal. Mas nos resquícios de políticas sociais sobranças da reestruturação socioeconômica, as mulheres homossexuais ainda continuam invisibilizadas. As ações em defesa da promoção da saúde, da qualificação profissional e do acolhimento das lésbicas vítimas da violência física foram transferidas para a sociedade civil.

A defasagem escolar presente no grupo entrevistado, é um outro fator a ser considerado nas implicações referentes ao mundo do trabalho, à sexualidade e à expressão de gênero. Entre os vários motivos para a evasão escolar, a discriminação sexual tem sido, até os dias atuais algo relevante (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004 *apud* SANTOS *et al.*).

Em um sistema em que escolarização e emprego são quase indissociáveis a falta da primeira num mercado de trabalho cada vez mais exigente acaba por afastar ainda mais as butches da oportunidade de terem um emprego formal.

A luta feminina por igualdade tanto no que tange aos direitos civis quanto aos direitos sociais não conseguiu coletivizar questões internas como os quesitos etnia e orientação sexual. Segundo Marx (*apud* DUCLÓS, 2008), o ser social ao satisfazer uma necessidade cria novas outras. Portanto, para cada reivindicação conquistada surgem novas formas de opressão, que, por conseguinte, demandarão outras iniciativas de mobilização popular.

Conclusão

Atravessar os limites que determinam as características pertencentes à cada gênero não é uma tarefa simples. O controle sobre o corpo feminino e o cerceamento da mulher ao espaço público foi a introdução para que outras expressões do cissexismo se manifestassem e adquirissem estabilidade na sociedade.

A superação paulatina das desigualdades de gênero se deu graças ao pioneirismo do movimento feminista. “Em todos os campos (dos direitos conquistados na história) são marcantes os avanços das mulheres. Isto resultou de uma história de lutas e conquistas, na qual o movimento feminista, em cada momento com feições próprias, ajudou a escrever uma página” (NIEM, 2012, p.1).

A história da diversidade sexual está intrinsecamente ligada às desigualdades entre os gêneros. Quando a sociedade impõe a submissão da mulher ao homem está determinando o modelo ideal de sexualidade: a heteronormatividade. Quando esta hegemonia é ameaçada pela inversão dos valores, podendo uma mulher ser dominante, e mais que isso, ser dominante numa relação com outra mulher, os aparelhos legitimadores da



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



heteronormatividade – a religião, por exemplo - reagem buscando a retomada da hegemonia enfraquecida.

É dentro deste contexto que as butchs se inserem. Nascidas num país cuja formação histórica tem como base o machismo, a hierarquização das profissões e a classificação de status a partir de quesitos como a cor da pele, a classe social, a orientação sexual e a expressão de gênero, elas são classificadas como antinaturais pelo senso comum, no sentido pejorativo do termo. Entretanto, são mesmo antinaturais porque questionam com seu modo de vida a naturalização de papéis de gênero socialmente construídos. Não obstante às sanções morais as quais estão expostas nas diversas instâncias sociais, tendem a sofrer violações, fundamentalmente, no terceiro principal meio de sociabilização humana, o trabalho. Vítimas de um mercado de trabalho seletivo e excludente, a informalidade aparece como alternativa ao desemprego.

O setor informal, apesar de contribuir ao capital à medida em que refreia os impactos do desemprego e amortece os efeitos na seguridade social, está distante da agenda política do Estado, visto que são tímidas as propostas de melhorias para o setor tais como: construções de espaço físicos, ampliações de licenças para o exercício do trabalho, cursos de empreendedorismo, acesso à informação sobre a seguridade social e incentivo à contribuição ao INSS.

A informalidade não apenas influi na questão econômica, o tempo gasto no exercício do trabalho informal acaba por distanciar as trabalhadoras de si mesmas. Declarações do tipo “não tenho tempo para ter email” revelam que o trabalho é totalmente desregulado até em função da sua carga horária, sendo relatadas 12 horas de trabalho ininterrupto até mesmo aos sábados. Sem qualquer regulação, a trabalhadora se expõe até o seu limite.

Apesar dessas intempéries presentes na informalidade a vontade, o desejo de ser o que quiser está manifesto tanto na sexualidade e na expressão de gênero quanto na escolha de seu trabalho. Uma das mulheres entrevistadas declarou escolher ser feirante e sentir-se plenamente realizada com o que faz. Outra entrevistada relatou que a atividade informal é apenas um momento transitório até que consiga ingressar na carreira militar. Isto significa que a crítica deste artigo não está sobre o trabalho informal em si, o modelo como é apresentado no modo de produção capitalista que se torna aviltante aos direitos sociais dos trabalhadores.

O que se depreende nesta breve experiência é que as butchs representam para a militância lésbica um processo de visibilidade inconsciente na medida em que adentram o espaço público, rompendo os limites de papéis preestabelecidos, se igualando tanto como trabalhadoras, quanto em gênero, subvertendo a ordem, desejando outras mulheres,



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



mostrando que as mulheres não são feitas para o prazer masculino, as mulheres são para si mesmas.

Referências bibliográficas

ALVES, Giovanni. **Terceirização e acumulação flexível do capital: notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista**. Estudos de Sociologia. Araraquara: UNESP, v.16, n.31, p.409-420, 2011. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4513/3960>> Acesso em 14 de setembro de 2012.

BARBOSA, Regina Maria; VILLELA, Wilza Vieira. **Repensando as relações entre gênero e sexualidade**. In PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

CARDOSO, Livia de Rezende. **Conflitos de uma bruta flor: governo e quereres de gênero e sexualidade no currículo do fazer experimental**. In: 7º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero – Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados. Brasília, 2011.

CEIA, Carlos. **Butch**. In: _____. E-dicionário de termos literários.. Disponível em <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=171&Itemid=2> Acesso em 03 de agosto de 2012.

DUCLÓS, Miguel. **A Maturação do pensamento de Marx**. FFLCH-USP. Disponível em <<http://www.consciencia.org/marx.shtml>> Acesso em 14 de setembro de 2012.

ENGELS, Friedrich. O Capital de Karl Marx. **Tradução** de José André Lôpez Gonçalves. Demokratischen Wochenblatt: Leipzig, 1868. Disponível em <www.marxists.org/portugues/index.htm> Acesso em 14 de setembro de 2012.

LEONEL, Vange. **Lesbofobia**. In: Diversidade Sexual e homofobia no Brasil. FPA: SP, 2011.

NÚCLEO INDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO. **Movimento Feminista**. Rio Grande do Sul, NIEM/UFRGS. Disponível em <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/mov_feminista.php> Acesso em 11 de setembro de 2012.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contextos, 2007, p.28 a 40.

GUIMARÃES, Beatriz. **Cissexual, cisgênero e cissexismo: um glossário básico**. Disponível em <<https://feminismotrans.wordpress.com/2013/03/15/cissexual-cisgenero-e-cissexismo-um-glossario-basico/>> Acesso em 24 mar. 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam- sobre os limites discursivos do sexo (1999)**. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/judithbutler/files/>> Acesso em 24 mar. 2016.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

SOARES, Gilberta Santos; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Estilo bofe: ferramentas de produção de gênero e sexualidade em lésbicas e bissexuais.** 18º REDOR. De 24 a 27 de novembro de 2014. UFRPE: 2014. Disponível em <<http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2285-4678-1-PB.pdf>> Acesso em 24 mar. 2016.